

36-10-8-36

B.S. 13-4-59



REDACTORES

DOMINGOS GUIMARÃES

JAO OTNIP



A JOIA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADA ÀS DAMAS VIMARANENSES



REDACÇÃO

RUA DAS LAMELLAS

N.º 37



NUMERO 1

GUIMARÃES, 28 DE AGOSTO DE 1887

1.ª SÉRIE

SUMMARIO

Ouverture, pela redacção — *O teu rosto*, poesia, por Bráulio Caldas — *Prantos de creança*, poesia, por D. Albertina Paraiso — *Uma pequena causa*, conto, por Souza Rocha — ***, soneto, por Antonio Fogaça — *Carnet mondain* — *Dolora*, soneto, por Domingos Guimarães — *Pulvis*, soneto, por Julio Martins — *A quinzena litteraria* — *O melhor doutor*, conto, por C. Gomes Alves — *Morta*, poemeto, por João Pinto — *Expediente*.

OUVERTURE

Gentilíssimas patricias:
Agora que n'uma manhã luminosa de Agosto

o sol tira irradiações estranhas das pedras brancas das calçadas e doira n'um banho de suavissima luz as grimpas alterosas das torres que embebem na profundez do azul, feérico e lavado as suas agulhas finissimas; agora que a brisa vem impregnada das emanções marinhas e pelos campos nas largas devezas se ouve o gargantear melodioso da passarada e ao longe vibra na quietação olympica da natureza o chiir monotonico de um carro descendo a encosta, nós vimos n'um todo de bohemios roçar ao de leve, muito ao de leve o bico esguio da nossa bota de verniz do Norte pela macieza do tapete purpura do elegante *boudoir*,

um pequenino *boudoir*, doce como um ninho d'uma ave, a depor no regaço de v. ex.^{as} — gentilíssimas damas vimaranenses — una dádiva pequenita que nós, rapazes cheios de vida e pujantes de entusiasmos sãos, temos a honra de offertar-lhes; é um jornal pequenino, uma deliciosa miniatura, a «Joia», cujo primeiro numero nós temos o subido prazer de apresentar a v. ex.^{as} ensaindo o nosso melhor sorriso, agora, n'uma manhã luminosa de agosto em que o sol tira irradiações extranhas das pedras brancas das calçadas...

*

Como uma pequenina planta de estufa delicada e franzina nascida na sombra da modestia a «Joia» apresenta-se despretenciosamente, sem réclames pomposos e sem arautos na frente a procurar luz e calor que a vivifique no vosso acolhimento benevolo. E' que ella sem a protecção desvelada de v. ex.^a não poderia viver e como aquella creou-

lita de quinze annos, branca e rosada como a flor da amendoeira, a delicada protagonista do delicioso conto de Daudet, que desembarcando um dia ás frias margens do Niemen, vinda do paiz do sol, o frio matou e com ella os seus lindos companheiros, os colibris de pequeninas azas azues, côr de rosa, de rubim, verde-mar, que já não pipilavam na sua gaiola de arame dourado, a «Joia» estiolar-se-hia e morreria depressa abysmada nos gelos da indiferença se o olhar de v. ex.^a que é sol tambem puro e avelludado, azul como o firmamento, ou negro como a treva, repleto de uns effluvios castos o não aquecesse, se elle não encontrasse no vosso peito, junto a v. ex.^a, no dulcissimo aconchego dos vossos *boudoirs* aquellas caricias mornas que se dispensam ao filho estremecido.

Com a protecção de v. ex.^a, que lhe servirá de égide, escudando-se na vossa benevolencia, abrigando-se na vossa sympathia e acolhendo-se ao vosso amparo, ella não receiará

as investidas soezes dos zoilos, raça que por ahi abunda ao desplante da sua nullidade, e não naufragará no furioso embate dos contratemplos que sempre existem em publicações d'esta indole, antes irá melhorando dia a dia, vestindo com mais elegancia, trajando com mais riqueza, apresentando-se com mais atavios de gala em troca dos vossos cuidados.

E creiam-no v. ex.^{as}, nunca se haverão de arrepender de protegê-la, porque ella ha de ser sempre digna da benevolencia que lhe dispensarem visto que só tem uma aspiração, só um desejo nutre: — é de tornar-se apreciado de todos e indispensavel a v. ex.^{as}, de fazer-se amado, esperado com anciedade, acolhido com alvoroço, folheado com interesse, lido com avidéz e preciso na *étagere* do gabinete do v. ex.^{as} por entre uma profusão de illustrações, de quadros, de livros, de estatuetas, de extravagantes *bibelots*, n'um desalinho gracioso de artista.

E depois v. ex.^{as} encontrarão

n'elle tudo o que lhes possa ser agradável, tudo que lhes possa interessar desde os versos sentidos de um poeta gemebundo que desfiam como um collar de perolas luminosas até á prosa bem diliniada de um delicioso contista melancolico que lhes arrancará uma lagrimasita de dôr a bailar nos longos ciliós avelludados, e verão o nome dos rapazes muito conhecidos por v. ex.^{as} ao lado de alguns nomes mais notáveis na nossa litteratura, n'um *pele-mele* agradável, seductor.

E sem receio, confiadamente poderéis deixar entrar a «Joia» no quarto virginal d'uma donzella porque ella não maculará a sua pureza, no lar sagrado da familia porque ella será moldada pelos mais estreitos limites da moralidade, tendo um só fim:—deleitar e instruir, nunca perverter.

E no guarda-joias precioso de v. ex.^{as}, no delicioso escrinió de veludo azul escuro com esmaltes de prata por entre os brilhos coruscantes dos diamantes e as scintillações

cruas e vivas das esmeraldas e dos rubins brilhará sempre docemente com uma luz toda branca repassada de uma suavidade castissima, como uma grande perola luminosa arrancada do mar verde de Ceilão a nossa «Joia»—a vossa joia dilecta—que appareceu n'uma manhã luminosa de agosto. . .

E posto isto, visto que a apresentação já está feita, agora que v. ex.^{as} já se acham identificadas com a «Joia» assim como ella com v. ex.^{as}, só nos resta curvarmos agradecidos pela protecção que se dignarem dispensar-lhe e ensaindo o nosso melhor cumprimento retirar-mo-nos deixando a porta entreaberta d'onde v. ex.^{as} assistirão ao desfilar successivo das prosas e versos que constituem este numero, agora n'uma manhã luminosa de agosto em que o sól tira irradiações extranhas das pedras brancas das calçadas e doira n'um ba-

nho de suavissima luz as grimpas alterosas das torres que embebem na profundeza do azul, feérico e lavado as suas agulhas finissimas; agora que a brisa vem impregnada das emanações marinhas e pelos campos nas largas devezas se ouve o gargantear melodioso da passarada e ao longe vibra na quietação olympica da natureza o chiar monotonico de um carro descendo a encosta. . .

O TEU ROSTO

O teu rosto é tão alvo, tão brilhante!
Fica tão bem juncto ao cabello loiro,
Que eu comparo-o a um grande diamante
Engastado n'uma mantilha de oiro.

A's vezes, quando a tarde, suspirando,
Doira o azul co' as tintas do arrebol.
Fito o teu rosto e o sol, e, vacillando,
Não sei se o sol és tu, se tu um sol.

Coimbra.

BRAULIO CALDAS.

PRANTOS DE CREANÇA

Em arabescos de graciosas linhas,
Cantarolando umas canções singellas,
Bordam o casto azul as andorinhas;

As rosas virginaes sorrindo, ao vêl as,
Murmuram entre si as ladainhas
Soletradas no seio das estrellas...

Exhalam-se uns effluvios doces, vagos,
Dos perfumados roseiracs em flor
Que o vento cerca de subtis affagos...

E a minha alma nas azas d'esta dôr
Sombria e triste como os grandes lagos,
Liba-se aos mundos do infinito amôr...

E' que eu nunca senti o orvalho puro
Dos carinhos ideaes que todos têm,
A amenizar-lhe a noite do futuro,

Que não fosse do amôr de minha mãe!
—Meu coração é como um templo escuro,
Deshabitado e frio, sem ninguem...

Por isso ao ver as andorinhas mansas
Voando uns arrulhos bons, divinos,
Eu fico-me a chorar como as creanças,

Esperando que uns raios crystallinos

Venham trocar de verdes esperanças
Os sonhos de minha alma pequeninos;

Eu fico-me a chorar como as creanças...

D. ALBERTINA PARAIZO.

UMA PEQUENA CAUSA

Ao terminar, o Anastacio ficou-se silencioso aguardando uma resposta, que muito receiava não ser satisfactoria.

O gordo sr. Pantaleão accommodou-se melhor na poltrona, tossiu, escarrou e, erguendo um pouco os oculos para a testa, relançou um olhar de intelligencia para a gordanchuda consorte, depois do que principiou:

—Pois muito bem; estou plenamente d'accordo com a sua ideia, mas é preciso que o senhor saiba tambem que a minha filha não é p'ra ahí uma coisa qualquer; alli onde a vê, olhe, teve uma educação,

mas uma educação como ninguem: sabe fazer *caroché* na perfeição e falla que parece mesmo uma doutora.

—Lá isso é verdade, appoioi a D. Quiteria, *aquillo* é mesmo um papagaio.

—E digo isto, continuou o gordo sr. Pantaleão, para que o senhor avalie bem o thesouro que leva se cazar com a nossa Mimi.

O Anastacio estremeceu repentinamente, e o vermelho das faces tornou-se d'uma pallidez de cêra virgem.

—O que foi? interroga a D. Quiteria.

—Nada, não foi nada.

—Mas, pareceu-me vel-o estremeecer... olhe, olhe, outra vez... nah!... o senhor tem alguma coisa que o incommoda.

—Não, minha senhora, acredito...

Um novo estremecimento corta a phrase ao pobre do Anastacio, que d'esta vez chega mesmo a dar um pulo na cadeira.

—Então eu não vejo?...

—Sim, então nós não vemos? Acrescentou o gordo sr. Pantaleão... o sr. padece por força de sesões.

—Ou de nervoso, sim, está visto que isso é nervoso... e escusa de o negar.

O bom do Anastacio que, na realidade, estava sendo victima d'uma esfaimada pulga que se lhe ferrara um pouco abaixo do pescoço, receiando acarretar sobre si o ridiculo se confessasse o motivo dos seus estremecimentos, agarra-se logo ao pretexto do nervoso e, julgando terminar d'esse modo o incidente, balbucia:

—Pois é verdade, é... eu soffro de tempos a tempos uns pequenos ataques de nervos que, felizmente, não são muito duradoiros... mas isto não é rasão para assustar porque quasi toda a gente hoje se queixa d'um tal padecimento.

—Isso agora!... atalha logo a D. Quitéria; aqui estou eu que com os meus quarenta e dois...

—E oito, é que deves dizer, emenda *in continenti* o marido.

—Quarenta e dois é que é... demais, quando eu estiver fallando, faça favor de me não interromper.

O gordo sr. Pantaleão, manifestamente despeitado, encolhe os hombros, repotreja-se novamente na poltrona e deixa que a esposa continue:

—Ora pois, como eu ia dizendo, estou já com os meus quarenta e dois (e accentuou estas palavras) e posso dizer que... oh! ahi está outra vez o senhor; credo, até me mette medo com as suas carantinhas... nada, tenha paciencia mas com semelhaute molestia o senhor não póde cazar com minha filha. Deus me livre... e então ella, coitadinha, que qualquer coisa a faz adoeecer: basta que sinta um rato... tem-lhe um tal horror!

—Nem pode ver-me de barrete de dormir, accrescenta o papá, diz que lhe tira logo o appetite.

—É uma desgraça... se ouvir miar um gato, ella ahi fica toda

assarapantada... o cheiro do vinho, então causa-lhe nauseas.

—Não é capaz de beber uma gotta d'agua.

—O ranger das botas provoca-lhe arrepios.

—É muito fraquinha...

—Muito doente, não imagina.

Dez minutos depois, o Anastacio achava-se na rua e lá consigo ia dando graças áquella pulga ignorada que o livrava d'aturar matrimonialmente um pastellão com forma de mulher.

Sousa Rocha.

Meu desditoso amor
achou-te n'essa estrada
que segue a namorada
logo ao romper do alvor...

E que rozeira em flôr
pareces, minha amada!
— um fructo da alvorada,
— um mimo do Senhor!...

E fosses tu, Maria,
— a planta florescente,
orvalho, ou luz do dia...

que a minha bocca ardente,
assim, beijar-te-hia
insaciavelmente!...

Coimbra.

ANTONIO FOGAÇA.

CARNET MONDAIN

Desde o dia 28 do corrente até
ao dia 11 de setembro fazem annos
as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 28.— D. Adelaide Amelia Rodrigues d'Almeida.

Dia 30.— D. Rosa Alves Lemos.

Idem-idem.— D. Maria Joaquina de Carvalho.

Setembro, 7.— D. Thereza Emilia d'Oliveira Cardozo.

Dia 8.— D. Maria da Natividade Meirelles de Campos Henriques.

Dia 10.— D. Maria Margarida de Mello Sampaio.

Dia 11.— D. Ermelinda Augusta Ferreira.

*
* *

Acham-se a bauhos:

Povoá de Varzim.— O ex.^{mo} sr. dr. Joaquim José de Meira, sua ex.^{ma} esposa e filhos.

Idem.— O ex.^{mo} sr. dr. José da Silva Monteiro.

Idem.— O ex.^{mo} sr. Francisco da Silva Monteiro.

Idem.— A ex.^{ma} sr.^a D. Marianna Pereira de Jesus Ferreira e familia.

Idem.— O ex.^{mo} sr. Domingos José Ribeiro Guimarães, sua ex.^{ma} esposa e filhos.

Ancora.— O ex.^{mo} sr. dr. Francisco Martins Sarmiento e sua ex.^{ma} familia.

DOLORA

Ella tinha a suave pallidez
D'uma virgem das telas de Murillo,
E uns olhos azues da côr do Nilo,
Todos cheios d'amor e languidez.

A sua avelludada e nivea tez
D'uma brancura escultural de Milo
Tinha a doçura ideal d'um fino estylo,
— Delicada aguarella d'um chinez.

Hoje, porém, tristissima mudança!
Em vez dos seus sorrisos de creança
E d'aquelle sereno e meigo olhar,

Só paira nos seus labios d'amethysta
O sorriso do mal; e um olhar triste
Nos seus olhos azues; da côr do mar...

DOMINGOS GUIMARÃES.

A QUINZENA LITTERARIA

N'esta secção de pura bibliographia que encetaremos no proximo numero, nós, que não temos a auctoridade critica de Ramalho, Pinheiro Chagas ou de Beldemonio, procuramos todavia auxiliado dos nossos poucos conhecimentos litterarios com todo o desassombro de quem tem opinião propria e está fóra da terrivel escola do elogio mutuo, de quem só sabe avaliar os homens pelo que elles valem realmente, apreciar todas as publicações que nos forem enviadas, não nos limitando a dar uma simples noticia

mas expondo francamente a nossa opinião, e até, quando o assumpto o exija, publicando desenvolvidas noticias criticas sobre os livros de merecimento que appareçam, além de n'um vôo atravez da livraria portugueza, noticiar-mos a entrada no prelo e o apparecimento de todas as obras de que tivermos conhecimento e das que soubermos haver em preparação, pondo assim as nossas gentis leitoras ao facto do movimento litterario que se fôr operando no paiz, para o que d'aqui pedimos aos senhores auctores e editores o seu auxilio, convidando-os a porem-se em correspondencia connosco e a fornecerem-nos todas as indicações que possam.

PULVIS

O meu amor ha muito que o não vejo, e quasi que já d'elle ando esquecido; nem mesmo busco o mais pequeno ensejo para avivar o fogo amortecido;

quero affastar d'ali o meu sentido, pois que sinto affastar se o meu desejo; e sinto n'alma um perfido bocejo a rir-se burguezmente d'um gemido.

Inda ha um anno a pallidez doente da lua, que adormece pelos prados, me illuminava a alma docemente;

mas hoje taes clarões, eil-os soprados ao bocejo do tedio omnipotente, — triste como um officio de finados.—

JULIO MARTINS.

O MELHOR DOUTOR

Este doutor do meu conto é um ente extranho e original. Vendo-o, acodem involuntariamente á memoria os maravilhosos personagens de Edgard Poe, e quasi nos convencemos de que fluctua em torno d'elle alguma coisa do ar de sapiencia que envolve os iniciados na medicina.

A sua phisionomia é um problema tão intrincado para quem n'ella deseja inquirir alguma coisa, como

é intrincado o problema que, mediante a sua sciencia, se propõe a resolver na vida.

O seu rosto concreta-se n'uma formidavel cabelleira encaracolada cahindo sobre dois olhos fundidos, em varias rugas descrevendo pronunciadas curvas, e n'uma bocca enorme, desdentada e feia que lhe dá toda a apparencia de um caracteristico de comedia do seculo passado.

Quanto aos seus propositos moraes, diremos que a unica causa por que lucta, e a unica missão que elle se julga chamado a realisar, é a invenção de uma substancia ou medicamento que, segundo elle, a vida, á similhaça da materia inanimada, perca quanto tem de desconhecido, se perpetue, gose de eterna saude e bem estar.

Ninguem diria, apesar da sua apparencia caduca, que o meu doutor tem dedicado muitos annos ao seu proposito, entre retortas e morteiros, tratando de passar pelo destilador a substancia que dê alma e

vida ao seu medicamento «que fará tremer a morte com a só presença de uma espatula remolhada na substancia.» Isto affirmou elle ha um bom par de mezes...

Inflexivel e constante a despeito das derrotas soffridas durante muitos annos de analyse, todos os dias, e a identica hora, permanece *enca-phoado* no seu laboratorio onde, ás materias mais novissimas, une as do mais antigo avoengo, e por onde teem desfilado systemas e theorias sem que, qualquer d'estas coizas, tenha feito luz no cerebro do sabio doutor.

Quando, alegres e risonhos, passamos defronte da sua casa, damos-lhe poucos annos de vida, ignorando que elle, ouvidor de tudo quanto a seu respeito se murmura, lança um sorriso de desprezo, abre uma das janellas e exclama, medindo a intensidade dos raios solares:

— Ainda ha vida que viver!

(*Continua.*)

Porto.

C. GOMES ALVES.

MORTA

I

Que meigo olhar o d'ella!
Que sensações de luz
Não despedia a flux
A tímida gazella!

O brilho d'uma estrella
De certo não traduz,
No encanto que produz,
O olhar tão meigo d'ella!

Aquelle olhar, porém,
Da candida cecem,
Não pertencia ao mundo,

E um dia, libertado,
Deixou-me mergulhado
N'um desespero fundo...

II

Que noite tão sombria
Eu passo eternamente,
Sem o olhar dolente
D'aquella cotovia!

Nem ouço a harmonia
Da sua voz fluente,
Um cíciar fremente
Tão cheio de poesia!

Ó casta estremecida,
Ó luz da minha vida,
Suave pomba mansa,

Porque é que me roubaste,
Quando ao céu voaste,
A derradeira esp'rança?

III

E que saudades sinto
Do seu bemdito olhar,
Mais puro que o luar,
Mais puro que um jacintho,

Agora que elle extinto,
Não vem illuminar
Aquelle doce altar
Que no meu peito sinto!

Por isso é que eu procuro
No céu azul escuro
O seu bemdito olhar,

E o seu corpo de fada
Na luz d'uma alvorada
No infinito mar...

Guimarães.

JOÃO PINTO.

EXPEDIENTE

Aos nossos illustres collegas da imprensa, a quem, como mensageiro do nosso respeito e confraternidade, enviamos a nossa humilde revista, pedimos o obsequio da troca. Nos proximos numeros iremos dando os nomes dos que nos honrarem com a sua visita.

Typ. Rua Nova de S. Mamede, 26